

OS ESTADOS UNIDOS E A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA NA ECONOMIA BRASILEIRA: UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO

(1904-1928) (III).

(*Continuação*).

VICTOR VALLA

Do Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São
José dos Campos (SP).

CAPÍTULO IV.

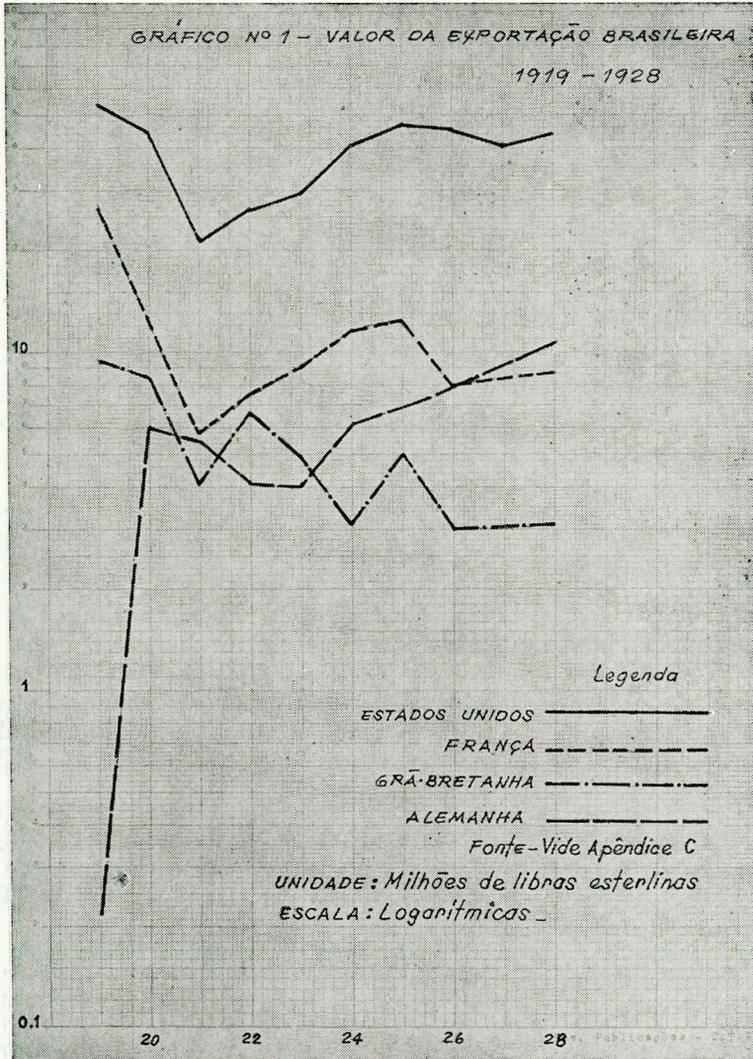
OS ANOS DE PÓS-GUERRA (1920-1928).

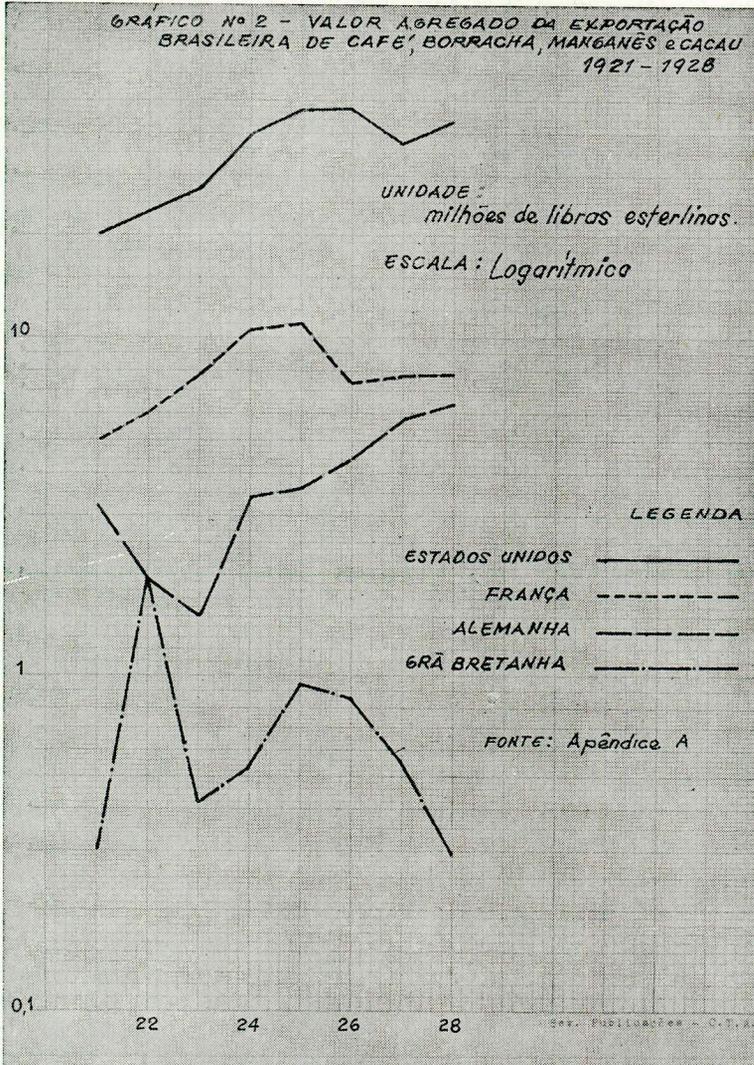
Como o término da I Grande Guerra, na última parte de 1918, as exportações brasileiras gozaram dois anos, especialmente prósperos, sendo que o valor dos produtos exportados aumentou de mais de 100% nos anos de 1918-1919 (1). A explicação para este fenômeno está no fato de que o armistício permitiu ao Brasil o suprimento dos países europeus, de algumas das necessidades básicas para a reconstrução do que a guerra tinha dizimado (2).

Além de aumentar sua exportação para a Grã-Bretanha e a França, o comércio brasileiro começou a renovar suas relações com a Alemanha, país que tinha sido afastado, em maior ou menor escala, desde o início da conflagração.

(1). — Vide Apêndice B para as cifras completas na exportação total brasileira para os anos de 1920 a 1928.

(2). — “O Japão, os Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina precisam aprovisionar não só os países, que, já no curso da guerra, adquiriram o hábito de se abastecer no além-mar, mas também a Alemanha e a Europa Central que — excluídas do circuito pelo bloqueio — se apresentam agora como os mais desprovidos de todos”. Crouzet (Maurice), *História Geral das Civilizações*, Tomo VII, “A Época Contemporânea, O Declínio da Europa, O Mundo Soviético”, “Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961, p. 52.





Embora o fim da guerra tivesse dado esta oportunidade para um aumento dos produtos exportados, os gêneros tradicionais continuaram a servir como fonte principal de receita do governo brasileiro. Uma comparação entre as cifras dos anos 1913 e 1923 mostra que o café continuava a liderar em produção e exportação, representando 62,3% da exportação total em 1913 e 64,3% em 1923. Borracha, somando 15% da exportação total em 1913, caiu para, apenas 2,5%, em 1923. Outros produtos significantes, como cacau, manganês, fôlha de tabaco, peles e couro, raramente somando 5% das exportações antes da guerra, praticamente não registraram mudança, em 1923 (3).

O que é significativo é que o processo tradicional de exportar alguns poucos produtos, mostrou a tendência de se intensificar durante a década de 1920, sendo que o período de 1926-1928 registrou as porcentagens das exportações de café como 73,6%, 70,7% e 71,5% para os respectivos anos (4).

Um apanhado geral das três classes de exportações brasileiras mostra que, durante o período de 1921-1928, a classe de produtos vegetais nunca registrou menos de 87% da exportação, enquanto a classe dos produtos animais se manteve entre 6% e 11% (5).

Um outro fenômeno revelado por esta política de produção e exportação era o da influência crescente exercida pelos países compradores. A monocultura tradicional do Brasil e o número limitado de países capazes de absorver a sua exportação, em particular, a do café, só poderia colocar a economia brasileira numa desvantagem com respeito às decisões comerciais destes países. Esta situação seria especialmente sentida com relação aos Estados Unidos, um fator para ser explicado neste capítulo.

As exportações brasileiras para os Estados Unidos, Alemanha, França e Grã-Bretanha continuavam a representar uma grande parte da exportação total no período em questão. Em 1924 as compras destes quatro países representavam 64% da exportação total brasileira, tendo essa porcentagem subido para 68%, em 1928 (6).

(3). — League of Nations, *Balance of Payments*, 1910-1924, p. 496, *apud*, Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 269.

(4). — Departamento Nacional de Estatística, Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio, *Commercio exterior do Brasil, Importação, Exportação, Annos, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928*, Rio de Janeiro, 1931, p. 43.

(5). — Directoria de Estatística Commercial (Ministerio da Fazenda), *Commercio Exterior do Brasil (resumo por mercadorias) Movimento Marítimo, Movimento Bancário, Janeiro a Dezembro, 1921-1925*, Rio de Janeiro, 1926, p. 147; *Commercio Exterior do Brasil*, para os anos de 1924 a 1928, *op. cit.*, p. 5.

(6). — As porcentagens foram derivadas dos Apêndices B e C. Vide gráficos N^{os} 1 e 2.

Os Estados Unidos mantinham sua posição tradicional de líder nas compras dos produtos brasileiros, sendo que os outros três países permaneciam numa posição bem secundária nos valores de produtos importados. A Alemanha, tendo voltado à lista de países compradores, rapidamente superou a Grã-Bretanha, e até conseguiu importar mais do que a França, depois de 1926.

A Grã-Bretanha, nunca tendo sido um significativo importador de café, caiu para o quarto lugar devido à sua nova fonte de importações de borracha (7). O comércio relativamente grande entre o Brasil e a França, se explicava devido às importações francesas de café, fato que também explica o surto de importações alemãs do Brasil (8).

Os quatro produtos (café, borracha, cacau e manganês) diminuíram um pouco sua significação na exportação total, na época de pós-guerra. Embora o total geral destes produtos exportados aos países mencionados representasse mais de 50% da exportação total nos anos de 1922-1928, estas cifras poderiam ser enganosas, pois a exportação de borracha tinha sofrido reduções severas depois da guerra (9). O gráfico Nº 2, para os fins práticos, é um estudo do comércio do café com estes quatro países.

Outros produtos que ganharam relêvo no período de pós-guerra, foram algodão crú, lã, açúcar, castanhas e carnes congeladas e refrigeradas. A maior parte destes produtos secundários, também era destinada aos quatro países principais (10). Embora nunca conseguindo se equiparar ao café, vários destes produtos registraram valores mais altos do que o manganês ou a borracha, depois da guerra. Este fato explica, inclusive, os valores altos registrados pela Grã-Bretanha demonstrados no gráfico Nº 1, em contraste com os do gráfico Nº 2. A Grã-Bretanha, em particular, importava grandes quantidades de algodão crú, carne e açúcar (11).

O período logo depois da I Grande Guerra apresentava novos detalhes no problema das exportações dos produtos brasileiros para os Estados Unidos. Embora o país norte-americano tivesse sido, tradicionalmente, o comprador principal dos produtos brasileiros, a influência crescente da economia americana tinha modificado algo nas relações entre o Brasil e aquele país.

(7). — Vide Capítulo II, Rodapé Nº 27.

(8). — Vide as cifras para as exportações de café para a Alemanha e França no Apêndice A. Vide gráfico Nº 2.

(9). — Porcentagens exatas destes produtos dentro das exportações totais podem ser calculadas com os dados dos Apêndices A e B.

(10). — Apêndice A apresenta alguns dos produtos secundários mais importantes, com seus valores para os anos significantes.

(11). — Para os valores destes produtos, vide Apêndice A.

Tabela Nº 1.

Exportações brasileiras para os Estados Unidos (1910-1928) (12).

Anos	Exportações da América do Sul para os EUA	Exportações do Brasil para os EUA	% das exportações brasileiras para os EUA (contexto sul-americano)	% das importações americanas do Brasil	% das exportações totais brasileiras para os EUA
1910-14	206.9	110.9	54	6,6	38
1921-25	421.3	152.2	36	4,4	42
1926	568.0	235.3	41		47
1927	518.0	203.0	39		46
1928	569.0	220.7	39	5,4	43

Milhões de Dólarcs

A Tabela Nº 1 demonstra que, quando os valores dos produtos brasileiros destinados aos Estados Unidos nos anos de 1910-1914 a 1928 são comparados com os da América do Sul, os produtos brasileiros sofrem uma diminuição em porcentagem. Enquanto mais de 50% dos produtos sul-americanos destinados aos Estados Unidos saíram do Brasil antes da guerra, depois de 1921 a porcentagem superou 40% só uma vez. Dentro da exportação total do Brasil, porém, os produtos destinados aos Estados Unidos, registraram uma subida, aumentando de 38% (1910-1914) para 47% em 1926.

O que sucedeu foi que, enquanto o comércio americano conseguia diminuir a porcentagem de suas importações do Brasil através de um

(12). — A Tabela Nº 1 foi derivada das seguintes fontes: Exportações sul-americanas e brasileiras para os Estados Unidos; % das exportações brasileiras para os Estados Unidos (contexto sul-americano); % ds importações totais americanas do Brasil, *Commerce Yearbook*, 1929, Volume I, *op. cit.*, p.134, 142; % das exportações totais brasileiras para os Estados Unidos: vide Apêndice B e C.

Em 1913 e 1923 o Brasil exportou 32,2% e 41,4%, respectivamente, dos seus produtos para os Estados Unidos. Estes produtos registraram os seguintes valores: US\$ 101.8 milhões, em 1913, e US\$ 139.5 milhões, em 1923. *Commerce Yearbook*, *ibid m*, p. 93.

aumento das importações de alguns países sul-americanos (13), as autoridades brasileiras acharam-se obrigadas a aumentar suas exportações para os Estados Unidos. Em 1928, o Brasil exportava para os Estados Unidos 67% de todo o café da América do Sul (14), esta

(13). — A tabela abaixo mostra a participação brasileira nas exportações totais da América do Sul, antes e depois da I Grande Guerra:

	(porcentagens)				
	1913	1925	1926	1927	1928
Argentina	40	42	40	46	43
Bolívia	3	2	2	2	2
BRASIL	27	24	24	20	21
Chile	12	11	10	10	10
Colômbia	3	4	6	5	5
Equador	1	2	1	1	1
Paraguai	1	1	1	1	1
Peru	4	5	6	7	7
Uruguai	6	5	5	5	5
Venezuela	2	3	4	5	5

Fonte: *Bulletin of the Pan American Union*, resumos anuais do comércio, *ap.*, Normano, *The Struggle for South America*, *op. cit.*, p. 30.

Um outro fator que serviu para agravar a posição deteriorante das exportações brasileiras era a depreciação do mil-éis. A seguinte tabela dá a relação do mil-réis ao dólar:

<i>Exchange rates on mil-réis in New York Market, 1913-1923.</i>			
1913	\$.322	1920, January	\$.264
1914	.293	June	.248
1915	.237	August	.198
1916	.239	October	.175
1917	.254	December	.150
1918	.256	1921	.132
1919	.263	1922	.129
		1923	.102

Fontes: League of Nations, *Balance of Payments, 1910-1924*, p. 486; *Federal Reserve Bulletin*, Washington; Board of Governors of Federal Reserve System, 1922, p. 696; *ap.*, Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 272, derivada da Tabela 9.

As exportações totais do Brasil para os anos de 1914, 1919 e 1923, foram registradas pelo Ministério da Fazenda na seguinte forma:

<i>milhares de mil-réis</i>		<i>milhares de dólares</i>
775.747	1914	221.433
2.178.719	1919	573.300
3.397.033	1923	336.297

O que pode ser observado, então, é que a exportação total do Brasil subiu 51% em mil-réis durante o período de 1919-1923, mas abaixou 41% na sua significação externa em dólares. Ministério da Fazenda, *Comércio Exterior do Brasil*, para estes anos, *ap.*, Smith; Marchant, *ibid.*, p. 272-273.

(14). — *Três exportações principais da América do Sul para os Estados Unidos, 1928* (unidade: US\$ 1.000.000).

	Valor Total	Valores exportados do Brasil
café	272.5	189.9
peles e couros	55.8	8.8
borracha	5.7	5.1

porcentagem, porém, representava 75% de todo o café brasileiro exportado para os quatro países em estudo (15).

Uma situação de tais proporções, permitia que os Estados Unidos se tornassem menos dependente em qualquer país da América do Sul, enquanto aumentava a dependência brasileira no mercado americano. O Brasil era responsável pela produção da maior quantidade do café do mundo (16): sendo essa a explicação da sua necessidade de exportar tanto café para os Estados Unidos, embora dentro do contexto das exportações sul-americanas, a influência brasileira tivesse diminuído.

No Capítulo II, menção foi feita à política americana de antes da guerra da incidência de tarifas baixas ou não existentes nos produtos brasileiros importados. Tal política foi feita com a intenção de encorajar uma decisão recíproca por parte das autoridades brasileiras (17). Os industriais americanos se acharam numa posição vantajosa, pois logo após a guerra, estavam abastecendo a América do Sul com muitos de seus produtos manufaturados. J. F. Normano afirmou que, em 1928, a política americana ainda continuava da mesma maneira como antes da guerra com respeito ao Brasil e à América do Sul, em geral.

"The tariff policy of the United States has attracted these raw materials. The percentage of goods sent free of duty into the United States in 1928 was 63.9; for imports from South America it rises to 88.6 per cent... Colombia and Venezuela each send 99.7 per cent of their exports to the United States without payment of duty; Brazil, Chile and Bolivia between 95.5 per cent and 98.5 per cent (18).

A influência americana tinha crescido a tal ponto no Brasil durante a guerra, que o seu capital estava participando do próprio processo de exportação. Caio Prado Júnior, referindo-se à instalação da indústria estrangeira no Brasil, descreve o início da indústria da carne, como uma nova área de exportação para a economia brasileira.

Fonte: Department of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, *Foreign Commerce and Navigation of the United States*, 1928, Washington, D. C., Government Printing Office, p. 212, 233, 236.

(15). — Vide Apêndice A.

(16). — O Brasil foi responsável pela produção de mais de 60% do café destinado ao mercado mundial durante a década de 1920-1930. Prado, Caio Júnior, *op. cit.*, p. 240.

(17). — Vide Capítulo I, p. 8.

(18). — Normano (J. F.), *The Struggle for South America*, *op. cit.*, p. 43.

“Durante a guerra, ou pouco antes, afluem várias indústrias subsidiárias... são os frigoríficos, que não visam o mercado brasileiro, mas apenas o aproveitamento da matéria-prima abundante do país e exportação de carne para a Europa. São êles: *Wilson & Company, Armour, Swift, Continental, Anglo*. Tôda a indústria brasileira de carnes congeladas (a que se juntou logo a de conservas) foi sempre e ainda é constituída de filiais de grandes emprêsas estrangeiras, norte-americanas em particular” (19).

Destarte, a dependência brasileira na economia americana apresentava-se em dois pontos: a importação dos produtos manufaturados e a participação americana em algumas das indústrias subsidiárias que abasteciam o mercado interno brasileiro (20).

* *
*

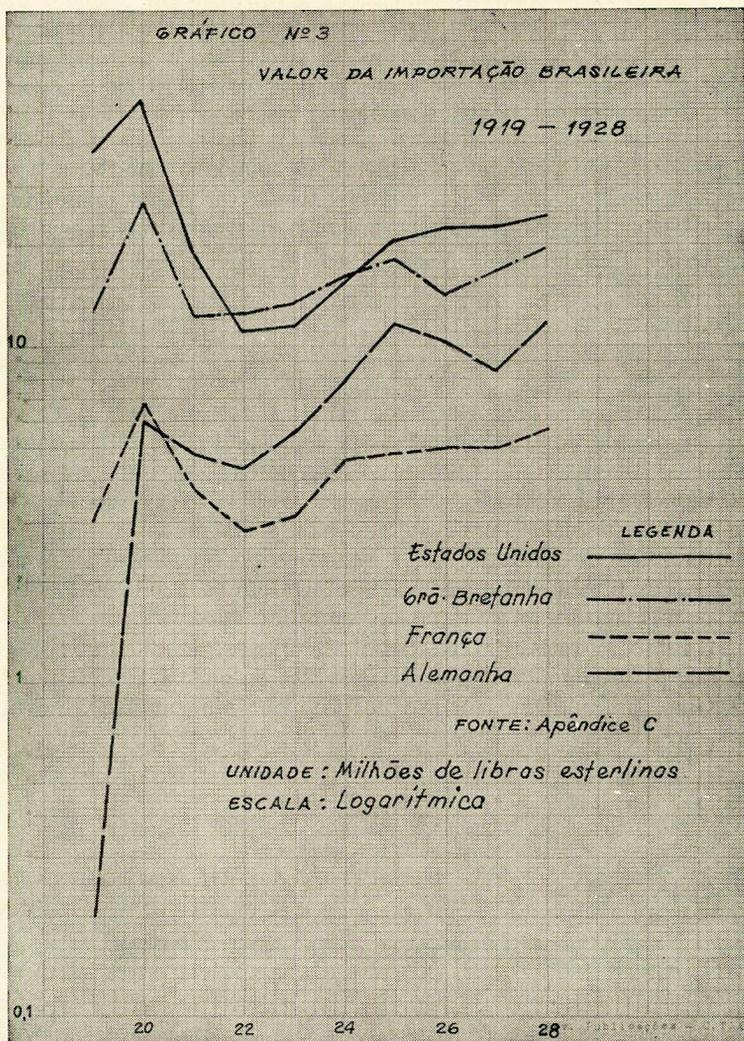
A redução nas importações brasileiras causada pela I Grande Guerra terminou em 1918, tendo o período de 1919-1920 registrado um aumento sensível de produtos estrangeiros. As importações de 1920 aumentaram de 61% sôbre as de 1919 (21). A crise econômica mundial de 1921, um resultado parcial da mudança dos países industrializados da produção bélica para produção pacífica, criou uma redução temporária das exportações dêstes países e o Brasil voltou, praticamente, para uma situação do tempo de guerra.

A explosão industrial no Brasil durante a guerra situou-se em áreas que já tinham sido desenvolvidas antes da guerra, representando, então, mais um aumento em produção do que uma mudança no tipo de produção.

(19). — Prado, Caio Júnior, *op. cit.*, p. 272, “*The imports of the United States from South America are mainly vegetable, mining, raw materials, such as petrol, tin, coffee. Who produces them in South America? Mainly the affiliated organizations of the... “Big Thirty” of the United States. Their investments virtually lie in factories which engage in an export business*”. Normano, *The Struggle for South America, op. cit.*, p. 65. Vide Rodapé Nº 35, neste capítulo.

(20). — Vide Normano (J. F.), *ibidem*, p. 35 cf. “Mas é depois da I Grande Guerra que as indústrias subsidiárias se multiplicam no Brasil. Só as norte-americanas (são as mais numerosas, mais importantes e únicas de que possuímos dados completos) somam 16, tôdas de grande vulto, estabelecidas entre 1919 e 1932). Os ramos principais de sua produção são: veículos motores, produtos farmacêuticos e químicos, aparelhamento elétrico, alimentação (farinhas, conservas, etc.)”. Prado, Caio Júnior, *op. cit.*, p. 272.

(21). — Em 1919, o Brasil importou bens com o valor de 78.721.281 libras, enquanto as importações de 1920 registraram 127.528.613 libras. Para os valores totais das importações do Brasil, de 1920 a 1928, vide Apêndices B e C.



Com a guerra terminada, a tendência dos países industrializados era de voltar à política de produzir o máximo, junto com a procura de mercados para a exportação destes produtos.

O Brasil, necessitando expandir-se industrialmente, mas incapaz de crescer nas áreas da chamada indústria de base, começou a importar novamente em grandes quantidades.

Embora as importações brasileiras viessem das quatro fontes tradicionais, a porcentagem do montante de cada um destes produtos seria modificada devido à participação destes países na Guerra.

O gráfico Nº 3 mostra que, com a exceção dos anos de 1922-1923, a exportação americana para o Brasil continuava a superar a da Grã-Bretanha, testemunha dos efeitos profundos da guerra nas relações econômicas do Brasil com estes dois países industrializados. As exportações inglesas, por muito tempo uma tradição na economia brasileira, quase se equipararam às dos Estados Unidos, em 1928, embora o fim do domínio inglês se mostrasse evidente (22). As exportações alemãs no entanto, aumentaram praticamente nada, em 1919, superando as da França, em 1921.

As importações brasileiras tinham voltado, em geral à sua estrutura de antes da guerra, sendo que os produtos de Classe B representavam mais de 50% das importações totais no período de 1920-1928 (23). O Ministério da Fazenda salientou os principais produtos manufaturados como sendo: veículos, arame farpado, fôlhas de flanders, gasolina e querosene, enquanto outros produtos secundários de Classe B incluíram artigos de algodão, papel para imprensa, e soda cáustica.

A participação americana foi quase total nos campos de veículos, gasolina e querosene, enquanto os artigos de algodão representavam 77% dos produtos de Classe B oriundos da Grã-Bretanha, em 1925 (24).

Matérias-primas destinadas às aplicações industriais e artísticas, os produtos de Classe A, registraram valores relativamente altos devi-

(22). — Durante os anos de 1922-1923, a Grã-Bretanha superou os Estados Unidos em produtos exportados para o Brasil. Somente em 1924 os produtos ingleses concorreram de novo para superar os dos Estados Unidos, sendo que as exportações americanas registraram 16.543.809 libras, e as inglesas 16.346.931 libras. Vide Apêndice C.

(23). — Vide Apêndice A para os valores das Classes A, B e C das importações brasileiras.

(24). — *Commercio Exterior do Brasil, 1921-1925, op. cit.*

do às necessidades do Brasil de carvão e cimento. Em sua maior parte, estes produtos vieram dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Em 1921, as exportações americanas de carvão representavam 87% dos produtos principais de Classe A exportados para o Brasil, enquanto que as exportações inglesas, do mesmo produto, registraram 93% dos produtos principais de Classe A importados em 1923 (25).

Produtos importantes da Classe C seguiram as linhas da época anterior à guerra, sendo que as exportações americanas de trigo compuseram a maioria neste campo. Bacalhau, da Grã-Bretanha e vinho, da França, foram outros produtos que registraram valores altos nesta classe (26).

Um apanhado geral das importações brasileiras, nos anos de 1920 a 1928, revela que a Grã-Bretanha liderava na área da Classe A, principalmente devido às suas exportações de carvão. Nos produtos de Classe B, quase sempre maiores em valor, os Estados Unidos, depois de manter uma vantagem pequena sobre a Grã-Bretanha, até 1924, dominava completamente a área de produtos manufaturados de 1925 a 1928 (27).

O que pode ser seguramente concluído, então, é que, na época de pós-guerra, os Estados Unidos tinham consolidado seus ganhos feitos no Brasil durante a guerra. Embora a influência americana na economia brasileira não fôsse, ainda, sensivelmente superior à inglesa,

(25). — *Ibidem*.

(26). — As exportações americanas de trigo para o Brasil compuseram 98% dos produtos da Classe C importados dos Estados Unidos em 1925. *Ibidem*.

(27). — Um relatório da Liga das Nações, citou os produtos principais importados pelo Brasil em 1923, junto com as suas porcentagens da importação total do Brasil para aquele ano: trigo 9,9%; farinha de trigo, 3,1%; carvão e coque, 6,3%; cimento, 1,4%; químicos, 2,6%, artigos de algodão, 6,4%; papel e seus produtos, 3,3%; aço e ferro, 8,5%; maquinaria e implementos, 11,9%; outros produtos, 47,6%. League of Nations, Balance of Payments, 1910-1924, p. 494, *ap.*, Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 270.

Abaixo é apresentada uma lista das importações principais sul-americanas, que vieram dos Estados Unidos, em 1928.

(unidade: milhões de dólares).

Classe	Valor Total	Brasil	Argentina
automóveis, peças e acessórios	93.0	24.9	45.3
óleos refinados	41.1	17.1	16.2
maquinaria industrial	37.8	6.2	9.5
maquinaria elétrica	17.7	4.8	6.6
semi-manufaturados de aço e ferro	10.3	2.9	3.2
farinha de trigo	6.8	5.2	—

Fonte: *Foreign Commerce and Navigation of the United States, 1928, op. cit.*, p. 36, 101, 113, 135, 145, 169.

ela tinha igualado, e até superado a influência britânica no importante setor da Classe B de exportações, depois de 1926.

Os Estados Unidos, tendo sofrido um crescimento industrial intenso durante a primeira grande conflagração, estava numa posição vantajosa para dominar as exportações de produtos manufaturados para a América do Sul. Em 1923, os Estados Unidos

“... found its industrial plant over-expanded by the effects of the war and which was partly losing its European market, (and) turned to Latin America” (28).

Tabela Nº 2.

Importações brasileiras dos Estados Unidos (1910-1928) (29).

Anos	Importações sul-ameri- canas dos EUA	Importações brasileiras dos EUA	% das im- portações brasileiras dos EUA (contexto sul-ameri- cano	% das ex- portações dos totais dos EUA para o Brasil	% das im- portações brasileiras dos EUA
1910-14	121.0	31.5	26,0	1,5	14
1921-25	297.1	59.4	20,0	1,4	25
1926	443.5	95.4	21,5		28
1927	438.2	88.7	20,0		29
1928	480.7	100.1	20,9	2,0	26

Milhões de Dólares

(28). — Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 250.

(29). — A Tabela Nº 2 foi derivada das seguintes fontes: Importações sul-americanas e brasileiras dos Estados Unidos; % das importações brasileiras dos Estados Unidos (contexto sul-americano); % das exportações totais americanas para o Brasil, *Commerce Yearbook*, 1929, Volume I, *op. cit.*, p. 134, 142; % das importações totais brasileiras dos Estados Unidos, vide Apêndices B e C.

As importações brasileiras dos Estados Unidos representaram 15,7% da importação total brasileira em 1913, e 22,3%, em 1923. Os valores destas importações, nestes anos, foram 50.9 milhões de dólares, em 1913; e 51.7 milhões de dólares, em 1923, *ibidem*, p. 93.

As exportações americanas para a América do Sul aumentaram 146% entre os períodos de 1910-1914 e 1921-1925, e, em 1928, o aumento era de 297% mais do que na época anterior à da guerra. As importações brasileiras dos Estados Unidos, que também registraram progressos impressionantes, não acompanhavam as da América do Sul como um todo, subindo apenas 88% nos anos 1910-1914 a 1921-1925, atingindo 217% em 1928.

Se as porcentagens brasileiras são comparadas com as da América do Sul como um todo, as importações mostram uma diminuição entre o período anterior à guerra e nos anos de 1921-1925. Este fenômeno revela uma situação semelhante àquela das exportações brasileiras para os Estados Unidos no mesmo período. Enquanto as importações brasileiras dos Estados Unidos sofreram uma diminuição dentro do contexto da América do Sul, os produtos americanos aumentaram sua entrada no Brasil. Exportações americanas para o Brasil representaram 26% de tôdas as exportações dos Estados Unidos para a América do Sul no período de 1910-1914, enquanto as porcentagens de 1928 tinham caído para 20,9%. Mas durante os mesmos anos, as importações dos Estados Unidos aumentaram dentro das importações totais brasileiras de 14%, para 26% em 1928. Embora a participação brasileira no comércio mundial dos Estados Unidos tivesse subido de 1,4% para 2,0% no período de quinze anos, êste aumento era mínimo em comparação com as outras cifras da Tabela Nº 2 (30).

O que estas cifras revelam é que, enquanto a economia brasileira tornava-se mais dependente da necessidade na compra de mais produtos manufaturados americanos, a economia dos Estados Unidos estava em condições de entregar uma porcentagem menor de seus produtos para o Brasil e ainda dominar o setor das importações no Brasil.

(30). — As exportações do Brasil para os Estados Unidos, em 1928, tinham aumentado de 202,6% desde os anos de 1910-1914, enquanto as exportações americanas para o Brasil registraram um crescimento superior a 217,9%. Dos anos de 1921-1925 a 1928, as exportações do Brasil para os Estados Unidos tinham aumentado 19,5% em comparação com o crescimento de 67,0% para os Estados Unidos para o Brasil. De 1927 a 1928 o crescimento foi de 2,3% para as exportações brasileiras, e 12,8% para as americanas. *Commerce Yearbook, ibidem*, p. 93.

"The principal changes in the export trade with South America were increased in the case of Argentina, Brazil, and Colombia... Argentina ranks second only to Canada among the foreign markets for American automobile products, and automobiles, tractors, and gasoline were the principal commodities which were exported to that country in larger quantities in 1928 than the year before. These same quantities accounted for most of the increase in our exports to Brazil". Ibidem, p. 134.

A política tradicional dos Estados Unidos de importar a maior parte das matérias-primas brasileiras tinha continuado e até crescido de uma maneira vantajosa para os Estados Unidos; as exportações americanas para o Brasil, embora sofrendo concorrência da Grã-Bretanha logo depois da guerra, tinham aumentado mais, em porcentagem, do que as do Brasil para os Estados Unidos, superando as três outras nações, depois de 1926 (31).

* *
*

Grandes compras de matérias-primas junto com as sempre crescentes exportações de bens manufaturados, não eram os únicos sinais de uma influência maior dos Estados Unidos na economia brasileira.

Tabela 3.

Companhias estrangeiras autorizadas a operar no Brasil, 1891-1928 (32).

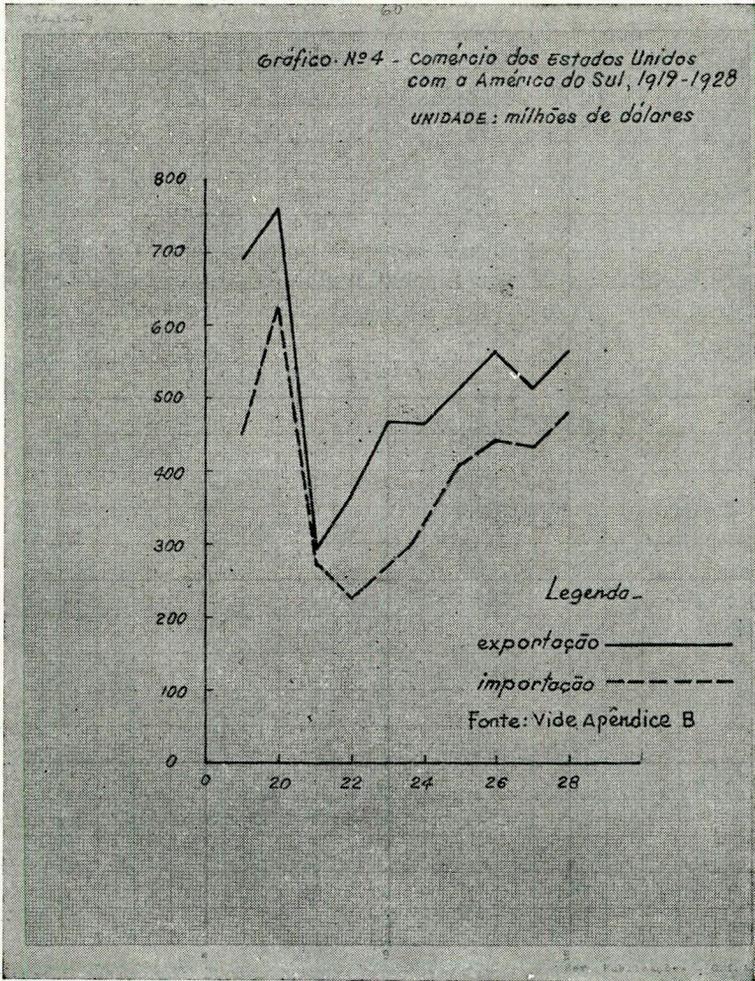
	1891-1905	1904-1914	1915-1920	1921-1928
Grã-Bretanha	80	139	44	60
Estados Unidos	11	84	59	90
Alemanha	21	41	5	17
França	25	50	11	12
Total	137	314	119	179

(31). — *“Latin America, 1928, continued second among the great trade regions as a market for our exports and ranked third as a supplier of imports. Exports to Latin America, exclusive of Porto Rico, totaled \$877.900.000, an increase of 4 per cent over 1927, while imports were valued at \$1.030.100.000, an increase of 1 per cent.... Exports to Colombia, Brazil, and Argentina showed particularly large gains....”* *Ibidem*, p. 142.

A Liga das Nações forneceu um estudo da posição do comércio brasileiro dentro do contexto mundial e latino americano, no período de 1913 a 1928. A posição brasileira dentro do contexto latino-americano apresentou algumas diferenças com a do contexto sul-americano.

Ano	Exportações mundiais milhões de	Exportações latino-americanas dólares	Exportações brasileiras	% das exportações mundiais	% das exportações latino-americanas.
1913	\$18.195	\$2.979	\$317	1,74	10,64
1924	25.127	4.504	421	1,68	9,34
1928	55.222	5.391	803	1,40	14,90

Fontes: Para os anos de 1913 e 1924, Liga das Nações, *Balance of Payments, 1910-1924*, Volume I, p. 90; para o ano de 1928, League of Nations, *Networks of World Trade*, Genebra: 1942, p. 99, *ap.*, Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 274, 280.



O aumento total das companhias estrangeiras autorizadas a funcionar no Brasil, foi de 50% desde 1920. O aumento em número, destas companhias, depois da guerra, é mais representativo do crescimento verdadeiro no Brasil, sendo que os anos da guerra apresentaram dificuldades especiais para todos os países. Os Estados Unidos superavam o crescimento total de após-guerra, registrando um aumento de 52% sobre o período de 1915-20. O número de companhias instaladas pelos americanos depois da guerra era, também, superior ao das de antes da guerra, sendo que 90 companhias americanas foram autorizadas a funcionar depois da guerra, ao passo que antes, somente 84 tinham essa autorização (33).

Este aumento espetacular da influência americana na economia brasileira, não foi uma experiência singular na América do Sul. Como o gráfico N^o 4 revela, mesmo com a baixa comercial entre a América do Sul e os Estados Unidos, o comércio entre as duas áreas registrava sempre aumentos depois de 1914. O ponto mais baixo deste comércio, no ano de 1921, era, ainda, superior ao de 1914, registrando um aumento de mais de US\$ 200.000.000 (34).

A influência americana na América do Sul permaneceu, praticamente, a mesma naquelas áreas de comércio que existiam antes da guerra. J. F. Normano nota que os Estados Unidos conseguiram superioridade com o seu desenvolvimento em novos setores industriais.

A tabela abaixo apresenta cifras para o comércio exterior total e o comércio sul-americano dos países principais, em 1928. Uma comparação pode ser feita com a Tabela N^o 2, no Capítulo II, sendo que é uma apresentação de dados semelhantes, mas, para o ano de 1913.

	Valor do Comércio Estrangeiro	Valor do Comércio com América do Sul	Porcentagem total
(unidade: US\$ 1.000.000)			
Estados Unidos	9.220	1.050	11,4
Grã-Bretanha	9.931	487	4,9
França	4.108	276	6,7
Alemanha	6.264	498	8,0.

Fontes: Cifras para os Estados Unidos: *Foreign Commerce and Navigation of the United States*, 1928, *op. cit.*, p. xiii; cifras para os outros três países: *World Almanac*, 1930; *Bulletin of the Pan American Union*, March, 1930, p. 256-259, *ap.*, Normano, *The Struggle for South America*, *op. cit.*, p. 33.

(32). — Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, *Sociedades Mercantis Autorizadas a funcionar no Brasil, 1808-1946*. Publicação do Departamento Nacional de Indústria e Comércio.

(33). — O número das companhias nacionais estabelecidas durante o período de 1921-1928 foi 211. *Ibidem*.

(34). — Vide Apêndice D.

"Relations are much the same as before the war so far as the sharing of business by the chief industrial powers is concerned".

"There is only one difference: the "new" market in automobiles, tires and accessories, motion pictures, radios and other electrical apparatus, etc., is under the control of the United States... it is merely one of the manifestations of the worldwide expansion of particular branches of the United States massproduction system" (35).

* *
*

Da mesma maneira que a I Grande Guerra permitia uma modificação nas relações comerciais entre os quatro países principais e o Brasil, a guerra, também, fornecia a oportunidade para os Estados Unidos começarem a assumir uma futura superioridade nas áreas de investimentos e empréstimos, com relação ao Brasil.

"After the war a new chapter is opened in the history of Brazilian public debt. The New York market took over the old customer of Rothschild. Only one small loan in 1922... was issued in France and one in London, 1927... the four big federal loans (1921, 1922, 1926, and 1927) were of New York origin" (36).

Investimentos de capital seguiram as mesmas linhas das de comércio, tendo o fim da Primeira Guerra Mundial, servido como ponto departida para um aumento impressionante do capital americano na América do Sul, e, conseqüentemente, no Brasil.

(35). — Normano explica que estes bens de produção em massa são o resultado de algumas trinta indústrias gigantescas, figurando como os maiores do mundo. Além de suas grandes quantidades de exportações para a América do Sul, estas companhias são responsáveis também por uma grande parte dos investimentos industriais na América do Sul. *The Struggle for South America, op. cit.*, p. 65-66.

"There is no exportation of capital from the United States to the industry of South America, which is not an extension of the domestic business of industrial concerns in the United States". Ibidem, p. 58-59.

"An inspection of the industrial enterprises of the United States in South America reveals that they are mostly affiliates and subsidiaries of corporations in the United States". Ibidem, p. 57.

(36). — Normano, *Brazil, a Study of Economic Types, op. cit.*, p. 157-158.

Tabela Nº 4.

Investimentos de capital estrangeiro no Brasil, 1913-1930 (37).

	1913-1915			1928-1929			1929-1930		
	TB	TAS	D	TL	T	D	TL	T	TAS
EUA	50	173			476	210	347	557	
G-B	1.161	3.834	640	735	1.375			1.413	2.294
O.E.	1.024		731	488	1.219			1.220	4.485
Total	2.235				3.070			3.190	

Legenda: O.E. — Outra Europa; TB — Total no Brasil; TAS — Total na América do Sul; D — Investimentos diretos; TL — Títulos; T — Total (unidade: milhões de dólares).

(37). — Fontes da Tabela Nº 4: Cifras para os investimentos americanos no Brasil, 1913-1915, 1928-1929; Winkler, Max, *Investments of the United States Capital in Latin America*, World Peace Foundation Pamphlets, Boston, Volume XI, Nº 6, 1928, p. 264; Rippey, Fred J., *Globe and Hemisphere. Latin America's Place in the Post-war Relations of the United States*, Henry Regnery Co., Chicago, 1958, p. 39; cifras para os investimentos americanos na América do Sul, 1913-1915, 1929-1930: Normano, *The Struggle for South America*, *op. cit.*, p. 54; cifras para os investimentos ingleses no Brasil, 1913-1915, 1930, Winkler, p. 285; 1928-1929, *Retrospecto Comercial do Jornal do Comércio*, 1928, *op. cit.*, p. 68; cifras para os investimentos ingleses na América do Sul: Normano, *The Struggle for South America*, p. 54; cifras para os investimentos da "outra Europa": Elysis de Carvalho, "Opportunities in Brazil for American Capital", *The Pan American Magazine*, November, 1918, *ap.*, Normano, *Brazil, a Study of Economic Types*, *op. cit.*, p. 215.

Durante o período de 1908-1914, o aumento anual do capital estrangeiro foi estimado pelos investigadores oficiais, em cerca de 27.000.000 libras, ou cerca de US\$ 131.625.000. O aumento anual do capital estrangeiro no Brasil para o período de 1916-1930 foi o seguinte:

Estados Unidos	US\$ 36.200.000
Europa: (Grã-Bretanha mais "outra Europa"	US\$ 32.100.000
Total	US\$ 68.300.000.

(taxa de conversão: 1 libra = \$4.875).

Fonte: Ministerio da Fazenda, *Relatorio Apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*, pelo Dr. João Pandia Calogeras, Ministro de Estado dos Negocios da Fazenda, No anno de 1915, 27º da República, Vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915, p. 105; Normano, *Brazil, a Study of Economic Types*, *op. cit.*, p. 215.

Em 1914, o capital americano era investido em países latino-americanos na seguinte ordem: 1 México 2. Cuba 3. Chile 4. Peru 5. Guatemala 6. Argentina 7. Brasil. Fred J. Rippey cita que os investimentos americanos no Brasil eram de US\$ 28.000.000, em 1914, mais provavelmente referindo-se aos investimentos diretos. Rippey, *Globe and Hemisphere*, *op. cit.*, p. 36.

"The United States has \$ 5 invested in Latin America and islands of the Caribbean for every \$ 4 in Europe. Before the World War, our investments in the South were a little more than \$1.000.000". Winkler, *op. cit.*, p. 5.

Embora o capital americano não tivesse superado o da Grã-Bretanha mesmo depois de 1930, foi, durante o período 1913-1930, que se construiu a base para a superioridade americana nos investimentos estrangeiros no Brasil.

Uma análise da Tabela Nº 4 demonstra que, entre o período de antes da guerra e 1930, os investimentos americanos subiram 1.014%, enquanto os da Grã-Bretanha e da “outra Europa” aumentaram apenas 22% e 19%, respectivamente. O capital americano no Brasil somou apenas 0,04% dos investimentos ingleses antes da guerra, e 0,05% dos da “outra Europa”. Em 1930, a situação tinha sido modificada sendo que os investimentos americanos já somavam 39% dos da Grã-Bretanha, e 46% dos da “outra Europa”.

“United States investments in Latin America amounted, prior to the war, to about \$ 1.242.000.000, of which Cuba and Mexico alone accounted for \$ 1.020.000.000 or 82,06% of the total”. *Ibidem*, p. 5.

Abaixo, uma distribuição do capital inglês no Brasil nos anos 1913 e 1928:

	1913 (libras)	1928
Títulos governamentais	117.363.470	164.964.319
Empreendimentos econômicos	106.531.965	120.698.815
Total (Brasil)	223.895.453	285.663.034
Total (América Latina)	999.236.565	
(Só ferrovias brasileiras)	52.348.848	49.536.427.

Fontes: South American Journal, *ap.* Rippy, Fred J., *British Investments in Latin America, 1822-1949. A case study in the operations of private enterprise in retarded regions*, Archon Books, Hamden, Connecticut, 1966, p. 68, 78. Rippy declara que as cifras para o Brasil são altas demais.

A tabela abaixo mostra as diferenças entre o capital inglês investido na América do Sul para os anos de 1913 e 1929.

(unidade: US\$ 1.000.000).

	1913	1929
<i>Costa Atlântica</i>		
Argentina	1.860	2.140
Uruguai	239	217
<i>Costa Pacífica</i>		
Chile	331	389
Equador	14	22
Perú	133	140
<i>Norte do Continente</i>		
Colômbia	34	37
Venezuela	41	92
<i>Interior</i>		
Bolívia	2	12
Paraguai	15	18

O que faz estas cifras dignas de estudo é o fato de que, enquanto os Estados Unidos investiam mais do que a Grã-Bretanha e “outra Europa”, juntos no período de dezoito anos, o total do capital estrangeiro investido no Brasil, no mesmo período, aumentou apenas 43% (38).

Entretanto, este crescimento de capital americano no Brasil seguiu as linhas das exportações e importações sul-americanas depois da guerra. Enquanto os investimentos americanos no Brasil tinham aumentado mais de 852% de 1913 a 1928-1929, a porcentagem de investimentos americanos no Brasil realmente havia diminuído de 29% a 20% dentro do contexto da América do Sul. Investimentos americanos como um todo, tinham aumentado mais na América do Sul do que no Brasil, sendo que, naquela, registrou-se uma subida de 1,281% de 1913 para 1928 (39).

Fonte: Normano, *The Struggle for South America*, op. cit., p. 54; extraído da Tabela 21.

(38). — Abaixo está uma distribuição do capital americano no Brasil, para o ano de 1929, acompanhada de cifras latino-americanas.

	(unidade: milhões de dólares).	
	América Latina	Brasil
Totais de investimentos diretos	3.462	194
Empreendimentos de petróleo	589	23
Manufaturados	231	46
Utilidades públicas	886	97
Outros		28.

O Brasil registrou os valores mais baixos dos investimentos diretos dos Estados Unidos de todos os países importante da América Latina. Os seguintes países receberam investimentos dos Estados Unidos: (unidade: milhões de dólares; o ano de 1929) 1. Cuba, \$919; 2. México, \$683; 3. Chile, \$423; 4. Argentina, \$332; 5. Venezuela, \$233; fonte: *United States Investments in the Latin American Economy*, United States Government Printing Office, Washington, D. C., 1957, p. 112, 131, 140, 152, 161.

Em 1929, os investimentos americanos em empreendimentos petrolíferos no Brasil foram consideravelmente mais baixos do que os outros tipos de investimentos. Max Winkler menciona que, em 1928, os Estados Unidos mantinham 244 companhias petrolíferas na América Latina. Apenas cinco destas estavam no Brasil: *Atlantic Refining Company; Cabric Company; S. A. de Galena Signal-Texas Corporation; Standard Oil Company of Brazil; Texas Company of South America*. Winkler, op cit, p. 288, 289, 295, 296.

“Nevertheless, the condition of the export trade is often considered as unfavorable because the excess of exports over imports is insufficient to cover the interest on foreign capital invested in the country. In 1928 the President (of Brazil) estimated the whole balance of trade to be unfavorable, as a result of the invisible items, to the extent of \$ 85.000.000”. *Ibidem*, p. 82.

(39). — A tabela abaixo mostra o crescimento do capital americano, na América do Sul, para os anos de 1913 e 1928:

A explicação dêste fenômeno está no fato de que, enquanto os Estados Unidos dedicaram mais atenção ao seus investimentos totais na América do Sul, os seus investimentos no Brasil, mesmo menores em porcentagem, ainda eram de uma quantidade que representava a maior parte dos investimentos estrangeiros no Brasil no período considerado.

De tôdas as nações sul-americanas, sòmente no Equador, Perú e Paraguai constava um crescimento menor do que no Brasil, do capital americano investido nos anos em questão. Quando o Brasil é colocado em contraste com os países da América do Sul, os aumentos de porcentagens do capital americano investidos no Brasil são dos mais baixos.

A influência americana não tinha substituído, ainda, a da Grã-Bretanha na economia brasileira, sendo que os ingleses tinham sido o fator dominante, há mais de um século. Mas o crescimento americano tinha sido tão rápido, que as finanças brasileiras já tinham começado a depender mais de Nova York do que de Londres.

“De acôrdo com os cálculos de Sir Otto Neimeyer, o valor nominal das dívidas do Brasil em 1º de janeiro de 1931 era de £ 100,569,751 (US\$ 490,780,385) para a Grã-Bretanha, após um século de concessões de empréstimos, e de US\$ 143,336,998 para os Estados Unidos transcorridos apenas 10 anos” (40).

(unidade: milhões de dólares).

	1913	1928
Argentina	40	611
Uruguai	5	64
Chile	15	395
Equador	10	25
Perú	35	150
Colômbia	2	260
Venezuela	3	161
Bolívia	10	135
Paraguai	3	15

Fonte: *Ibidem*, p. 54; extraído da Tabela 21.

(40). — “Evolução da Conjuntura no Brasil de 1916 a 1939”, *Conjuntura Brasileira, op. cit.*, p. 28.

According to Kember's Record of Government Debt, the foreign debt of Brazil in July, 1927, was divided as follows:

<i>British</i> <i>(pounds)</i>	<i>French</i> <i>(francs)</i>	<i>American</i>
-----------------------------------	----------------------------------	-----------------

(*Continua*).

<i>Federal Government bonds</i>	111.058.000	336.206.000	123.717.000
<i>State and municipal bonds</i>	27.737.000	381.355.000	118.700.000
<i>Industrial enterprise</i>	141.270.000*	1.500.000.000	100.000.000
<i>Total</i>	280.065.000	2.117.561.000	342.417.000

Fonte: Winkler, *op. cit.*, p. 83 (* includes banks).

“Robert W. Dunn, in his book *American Foreign Investments (1926)*, gives as the total amount of United States capital invested in Brazil \$300.000.000, mostly in Government, state and municipal bonds. The distribution of American investments in the dollar obligations of Brazil was estimated by the *Wall Street Journal* in 1923, as follows:

<i>Bonds of Brazilian Federal Union and District</i>	\$104.316.000
<i>Bonds of states</i>	27.761.000
<i>Bonds of municipalities</i>	15.338.559
<i>Paulista Railway bonds</i>	3.619.032
<i>Total dollar bonds outstanding</i>	151.034.591

Fonte: *American Foreign Investments (1926)*, p. 68, *ap.*, Winkler, *ibidem*, p. 87-88.